



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANAS
DEPARTAMENTO HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTORIA**

MAEDNA PEREIRA ARAUJO

A RESISTÊNCIA DAS MULHERES, NA DITADURA CÍVIL – MILITAR DE 1964

**GUARABIRA – PB
2019**

MAEDNA PEREIRA ARAUJO

A RESISTÊNCIA DAS MULHERES, NA DITADURA CÍVIL – MILITAR DE 1964

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof^a. Pós Dr. Susel Oliveira da Rosa.

**GUARABIRA – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A658r Araujo, Maedna Pereira.
A resistência das mulheres, na ditadura civil-militar de 1964
[manuscrito] / Maedna Pereira Araujo. - 2019.
25 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. Jessie Jane. 2. Ditadura civil-militar. 3. Resistência
feminina. I. Título
21. ed. CDD 981.063

MAEDNA PEREIRA ARAUJO

A RESISTÊNCIA DAS MULHERES, NA DITADURA CÍVIL-MILITAR DE 1964

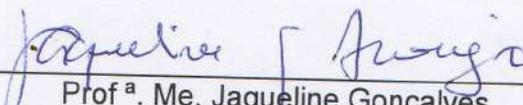
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovada em: 17/09/2019.

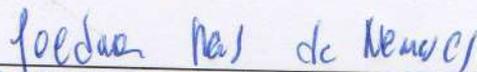
BANCA EXAMINADORA



Prof^a Pós Dr. Susel Oliveira da Rosa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Me. Jaqueline Gonçalves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dra. Joedna Reis de Meneses
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Colombo, Jessie Jane e Leta	15
Figura 2 – Jessie Jane nos dias atuais	16

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALN Ação Libertadora Nacional

NPC Núcleo Piratininga

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	HISTÓRIA DA RESISTÊNCIA DAS MULHERES NA DITADURA CIVIL-MILITAR	15
3	O PROTAGONISMO DE JESSIE JANE	16
4	DOCUMENTÁRIO “ <i>que bom te ver viva</i> ”.....	19
5	CONCLUSÃO	21
	REFERÊNCIAS	22
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	20
	ANEXO A – DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS	21

A RESITÊNCIA DAS MULHERES, NA DITADURA CÍVIL-MILITAR DE 1964
THE OF RESISTANCE OF WOMEN IN THE CIVIL-MILITARY DICTATORSHIP OF
1964

ARAUJO, Maedna Pereira¹
ARAUJO, Maedna Pereira²

RESUMO

Neste artigo de conclusão de curso busco analisar e discutir a resistência das mulheres na ditadura civil-militar (1964 – 1985), memórias e esquecimento, através da trajetória de Jessie Jane Vieira de Souza, hoje professora da UFRJ e durante a ditadura integrava a Ação Libertadora Nacional (ALN), participando assim da tentativa do sequestro do avião do embaixador americano Burke Elbrick no ano de 1970. Como objeto de pesquisa usei o documentário “*Que bom te ver viva*” (1989), dirigido por Lucia Murat, Documentários e entrevistas feitos a historiadora Jessie Jane, assim como fundamentação teórica, nos dialogando em teóricas como Flávia Schilling, Susel Rosa, Alessandra Gasparotto e Jeanne Gagnebin.

Palavras-Chave: Jessie Jane, Ditadura Cível-militar, Que Bom te ver viva, Resistência.

ABSTRACT

In this course conclusion Article I seek to analyze and discuss the resistance of women in the civil-military dictatorship (1964 – 1985), memories and forgetfulness, through the trajectory of Jessie Jane Vieira de Souza, now a professor at UFRJ and during the dictatorship was integrating the National liberating action (ALN), thus participating in the attempt to kidnap the plane of the American ambassador Burke Elbrick in the year 1970. As a research object I used the documentary "How Nice to see You Alive" (1989), directed by Lucia Murat, documentaries and interviews made by historian Jessie Jane, as well as theoretical foundation, supporting us in theorists such as Flávia Schilling, Susel Rosa, Alessandra Gasparotto e Jeanne Gagnebin.

Keywords: Jessie Jane, civil-military dictatorship, Que bom te ver viva, resistance.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba
E-mail: maedna_pa@hotmail.com

² Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba
E-mail: maedna_pa@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por intuito analisar a resistência feminina na Ditadura Civil – Militar brasileira, para isso tomamos a trajetória de Jessie Jane Vieira de Souza, filiada à Ação Libertadora Nacional ³(ALN), militante durante a década de 60 e 70, iniciou sua resistência contra a ditadura, sendo presa após o sequestro de um avião do embaixador americano Burke Elbrick em 1970, passando nove anos encarcerada no presídio Talavera Bruce em Bangu, dentre os primeiros três meses sendo torturada.

O documentário “*que bom te ver viva*”⁴ de Lucia Murat e do texto de FLÁVIA SCHILLING (2010) foram os meios utilizados para abordar as relações entre memória e esquecimento a partir da trajetória das mulheres contra a ditadura civil-militar. De acordo com FLÁVIA SCHILLING as construções de memória e esquecimento do Brasil era sistemática por construir um esquecimento existente, onde a autora trata a memória como um jogo de armar⁵. Que consiste no montar por peças, fragmentos e pedaços, onde a composição da memória consiste em sua construção de maneira individual, mas constituída coletivamente, mesmo que no final não se tenha algo inteligível ou completo, pois para ela cada um compõe uma parte do quebra cabeça.

A memória, é verdade, é sempre individual, é uma construção individual, mas ela só pode ser construída coletivamente, cada um coloca um pedaço, um fragmento dessa memória em algo maior, num coletivo. Então, existe o lado individual e o lado coletivo nessa ideia de memória para armar, nessa memória que é como um quebra-cabeça. (2010, p. 143).

³ Ação Libertadora Nacional. Organização revolucionária criada em 1968 por Carlos Marighella, Joaquim Câmara Ferreira e Virgílio Gomes da Silva, dissidentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Defendendo a necessidade da luta armada para derrubar o regime militar instaurado no Brasil em abril de 1964 e para instalar um governo popular revolucionário, a ALN, ao lado do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), foi um dos principais grupos que, entre as décadas de 1960 e 1970, se dedicaram à guerrilha no país. ABREU, Alzira Alves FONTES: CHILCOTE, R. Brazilian; Em Tempo (16 a 22/8/79); MARIGHELLA, C. Escritos. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-libertadora-nacional-aln> Acesso em: 20/05/2019

⁴ *Que bom te ver Viva*, Brasil/1989 Gênero: documentário/ drama. Duração: 100 min. Direção: Lucia Murat. Elenco: Irene Ravache, Montagem: Vera Freire; Fotografia: Walter Carvalho; Som direto: Heron Alencar; Diretor-assistente: Adolfo Orico Rosenthal; Direção de produção: Kátia Cop e Maria Helena Nascimento; Cenografia e figurino: Beatriz Salgado; Música original: Fernando Moura; Trilha sonora: Aécio Flávio; Roteiro, e direção e produção executiva: Lúcia Murat.

⁵ SCHILLING, Flávia. Memória da resistência ou a resistência como construção da memória. 2010, p.143.

Para SUSEL ROSA, precisamos associar na memória coletiva o trauma individual e social em especial no Brasil, já que o período do golpe militar é marcado por uma política do esquecimento⁶. Jeanne Gagnebin⁷ (2010), nos lembra sobre o esquecimento como uma reserva de lembranças não-conscientes, que se torna um aliado no processo de recordação, quando ao desistir de controlar, o sujeito relembra os acontecimentos do campo restrito de sua consciência, a autora também menciona sobre um esquecimento feliz ou alegre onde o sujeito se permite fazer as pazes com o passado, Jeane M. Gagnebin diz que:

Ora, a imposição do esquecimento como gesto forçado de apagar e de ignorar, de fazer como se não houvesse havido tal crime, tal dor, tal trauma, tal ferida no passado, esse gesto vai justamente na direção oposta dessas funções positivas do esquecer para a vida. (2010, p. 179).

Em um dos relatos do documentário “*Que bom te ver viva*” de Lucia Murat, Jessie Jane Vieira de Souza registra que foi levada junto com a mãe e a irmã mais nova para a aeronáutica e ficou dois meses presa com elas, viu sua irmã ser torturada pela polícia de São Paulo para conseguir desestruturá-la, pois o grande intuito deles era levá-la para a televisão, onde renegaria a esquerda⁸. Entre memórias perdidas e silêncios existentes durante a repressão, Jessie Jane tem como intuito resgatar essas memórias na história da ditadura civil-militar.

Buscando alcançar os objetivos propostos, este artigo divide-se em três partes, iniciarei com breves considerações sobre a história da resistência das mulheres a ditadura civil-militar, apresentando sua história de luta contra o regime autoritário e sua contribuição para a história, em seguida, será abordado a relação entre memória e esquecimento existente nos depoimentos de mulheres no documentário “*Que bom te ver viva*”, que assim como Jessie Jane, também participaram de grupos contra a repressão, por fim, na terceira parte faço breves considerações sobre o protagonismo e resistência de Jessie Jane através de depoimentos, relatando quem foi Jessie Jane por meio de textos, artigos e livros.

2 HISTÓRIA DA RESISTENCIA DA MULHERES NA DITADURA CÍVIL-MILITAR

⁶ ROSA, Susel Oliveira da. Mulheres versus ditadura, latifúndio e misoginia na Paraíba. 2013, p.310.

⁷ GAGNEBIN, Jeanne Marie. O preço de uma reconciliação extorquida. 2010, p. 179.

⁸ GASPAROTTO, Alessandra. O Terror Renegado. 2012. Rio de Janeiro – RJ.

A presença da mulher na resistência à ditadura civil-militar é marcada pela busca de um duplo pensamento, de luta e liberdade pois muitos interpretavam a participação das mulheres como um ato de obrigação ou por amor, não a pátria, mas ao companheiro. Visualizavam a mulher como um ser frágil destinado apenas a maternidade e ao lar, pensamento este machista/patriarcal⁹. Por meio dos atos de silenciamento, poucas são as histórias da participação das mulheres, mas entre as poucas lembradas são as que enfatiza a presença delas na resistência, palavra esta que pode ser bem entendida com o posicionamento de FLÁVIA SCHILLING:

A palavra resistência sempre é ambígua. Não se espere encontrar, nas instituições ou em aquele “diamante puro da resistência”. Vamos nos lembrar que a resistência é algo que se dá no enfrentamento, no face a face, nas relações do poder e é permeada de contradições e ambiguidades. A resistência é uma crítica a uma lógica de determinado sistema, sempre comporta uma crítica a certo sistema. Em todas as pesquisas que analisei para descobrir o que queria dizer resistência, há sempre uma relação marcada de resistência e autonomia. A resistência seria uma defesa de nosso direito de construir a nossa própria lei, e tal constituição passa por defender, recuperar, constituir um saber, seja esse próprio, seja um saber do ofício, um saber estilo de vida das relações que desenvolvemos, ou, ainda, saber da experiência, de defender, recuperar, construir o próprio tempo. (2010, p.148).

A construção de um pensamento contrário ao apresentado, pode ser entendido como um ato de resistir, a busca pela reconquista do que um dia já foi presente é se manter resistente, pode-se entender que tal situação se deu pela conquista de direitos retidos, da luta contra uma situação ditatorial e silenciadora. O silenciamento presente no período civil-militar impôs uma comunidade opressiva, sujeitos recuados que até os dias atuais, buscam respostas, soluções e justiça pelos momentos vividos em 1964.

Como SUSEL ROSA (2013, p.311) diz “A imposição do esquecimento, como gesto forçado de apagar e ignorar, de fazer como se não houvesse havido tal crime, dor, trauma, ferida no passado, vai na direção oposta dessas funções positivas do esquecer para a vida”. Impondo a presença da lembrança como um único momento, como se nunca o estivesse vivido esta recordação, como uma fase extinta da memória e da história.

A presença da mulher no período ditatorial é marcada pelas torturas baseada no gênero, onde as mesmas sofriam com estupros, humilhação, mutilações e

⁹ JUNIOR, Antônio Gasparetto. Patriarcalismo. Para o autor tem como definição “ideológica a supremacia do homem nas relações sociais.” Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociedade/patriarcalismo/> Acesso em: 20/05/2019

ameaças, momentos estes vivenciados desde as primeiras horas de prisão SUSEL ROSA (2013). Muitos familiares atualmente questionam onde encontra-se o corpo dos esquecidos, dos sequestrados, torturados dos desaparecidos, muitas famílias buscam respostas e justiça, para enfim encontrar a paz diante de um período marcado pela injustiça, autoritarismo, o silenciamento de uma nação.

Silêncio que resulta na política de esquecimento que marca a trajetória do estado brasileiro no que diz respeito às memórias da ditadura. Silêncio que recentemente vem sendo problematizado com a criação da Comissão Nacional da Verdade e das Comissões Estaduais da Verdade. Política de silenciamento, investimento em uma memória única que acaba por apagar também as histórias das resistências. (SUSEL ROSA, 2013, p.318).

Em 1979 com a promulgação da Lei da Anistia¹⁰, o Brasil se depara com a imposição do esquecimento, principalmente a respeito dos crimes ocorridos durante os anos de chumbo¹¹. Esquecimento este já presente, mas que com a junção de fragmentos, como um quebra-cabeça, encontra-se a memória, está que pode ser notada como verdade individual ou coletiva, uma “memória para arma”.

Há outra possibilidade, porém, nessa compreensão da “memória pra armar”. Ela nos diz que a memória nos arma de alguma maneira: é um instrumento, uma arma, e nos fortalece de certa forma para algum tipo de luta. Portanto, quando se pensa em memória, não se deve esquecer que ela é um fragmento, é individual e só pode se compor no coletivo. Igualmente não se pode perder a noção desta característica: a memória é uma arma. (FLÁVIA SCHILLING, 2010, p.144).

De um modo amplo a memória consiste no pensar, no reviver, relembrar, mas como vivenciar momentos tão marcantes, como relembrar momentos que deixaram cicatrizes incuráveis.

“Desde o momento da prisão até o horror da sala de torturas, estavam nas mãos de agentes masculinos fieis às performances de gênero, que utilizavam a diferença como uma forma a mais para atingir as mulheres” SUSEL ROSA (2013, p 319). Nos momentos de tortura, para o torturado a morte é a melhor saída, para o torturador a morte é um alívio ao prisioneiro. Mesmo passando por inúmeros tipos de torturas, psicológicas e físicas, visualizavam a ação da mulher sempre como ato influenciado por um homem, por amor ao companheiro, mas não pela busca

¹⁰ Lei da Anistia – BRASIL. 2009. Consiste Legislação garantia retorno dos exilados ao País, o restabelecimento dos direitos políticos e a volta ao serviço de servidores excluídos de suas funções durante o período militar. 2009. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2009/11/lei-da-anistia-politica-reverteu-punicoes-da-epoca-da-ditadura> Acesso em 20/05/2019.

¹¹ Anos de Chumbo. CORRÊA, Michelle Viviane Godinho. “é o nome dado ao período que vai da edição do AI-5, durante o governo de Costa e Silva, até o final do Governo Médici, considerado o mais violento de todo o regime militar. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/anos-de-chumbo/> Acesso em: 21/05/2019

democrática de um país, colocando-a como vítima, conforme podemos observar na passagem de FLÁVIA SCHILING.

Há uma história que considero marco nessa memória da resistência e é muito preciosa para mim. Diz respeito a não se colocar no lugar de vítima. Você pode pensar: “mas a coitadinha ficou presa tantos anos, não merece ficar no lugar de vítima? [...] “puxa vida, mas você, mulher, tão jovem (éramos muito jovens), obviamente está aqui porque teu marido ou teu namorado te obrigou. Você fez isso por amor. Devia amar muito seu marido, queria acompanhá-lo e se meteu nessa. Só porque te obrigou, te enganou”. O que eles estavam fazendo agindo assim? Por um lado, buscavam uma maneira de se tranquilizar, porque a existência de mulheres na luta armada era algo que inquietava muito, era uma indagação geral. (2010, p.152)).

A presença da mulher como força resistente era incompreensível, para um período que visualizava a mulher como fonte da maternidade. Mostraram que estavam ali por desejo próprio, como afirmação que esta luta, também as pertencia e que seus objetivos e suas metas são justificáveis, o porquê lutava estava presente em cada ato. “Talvez até mesmo esqueceríamos o que não poderíamos suportar, quais seriam os limites do intolerável” FLÁVIA SCHILLING (2010, p. 153), mas lutar estaria bem mais do que se impor como vítima, como resistentes, colocaram-se como lutadoras, cidadãs que reivindicavam.

3 O PROTAGONISMO DE JESSIE JANE

Historiadora, filha de comunistas, para Jessie Jane crescer com o pensamento de ser de esquerda ¹²era algo natural, levando em conta, a convivência familiar, colocando-se atualmente como “filha da terceira internacional¹³” ela contextualiza sobre suas memórias de 1964, enfatizando os nove anos de prisão em diferentes lugares, marcada pela violência, tortura, prisões e perdas.

Segundo o relato de Jessie Jane ao explicar o que levou sua prisão, inicia mencionando a prisão de seu pai, depois sua mãe e irmã com o único objetivo de

¹² Trecho do Bate-papo promovido pelo NPC Núcleo Piratininga. Quintas Resistente (2013); (00:02:02), Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B3tlBQknL-E>. Acesso em: 20/05/2019.

¹³ Terceira internacional. Trecho do Bate-papo promovido pelo NPC Núcleo Piratininga. Quintas Resistente (2013); (00:04:05), Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B3tlBQknL-E> Acesso em 25/05/2019. Terceira internacional – CRUZ, Diego. Terceira Internacional: a maior conquista organizativa do proletariado mundial. 2008. Segundo o autor é uma nova ferramenta, um partido cujos militantes assumissem a revolução como profissão, que atuasse com estrita disciplina para poder enfrentar poderosos inimigos (o governo, o imperialismo, a burguesia, as burocracias) e que, ao mesmo tempo, desenvolvesse a mais ampla democracia interna para operar sua política. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/terceira-internacional-a-maior-conquista-organizativa-do-proletariado-mundial/> Acesso em: 25/05/2019

atingi-la, mas ela foi presa em 1970, por “orquestra o sequestro de um avião¹⁴”, ato que naquela época considerado normal. Junto com Colombo Vieira de Souza, Eiraldo Palha Freire e Fernando Palha Freire, ou seja, quatro jovens ligados organicamente com a Ação Libertadora Nacional, tinha como objetivo ao realizar o sequestro a troca dos passageiros, por 40 (quarenta) prisioneiros em Cuba, ação planejada por jovens de 19 a 24 anos, que consideravam tal ato como “legítima¹⁵”.

Presa em 01 de junho de 1970 até fevereiro de 1979 no presídio Talavera Bruce¹⁶, Jessie Jane vivencia três meses de tortura, ao posicionar sobre os momentos vividos, a mesma contextualiza “uma história simples, com desfecho bem dramático¹⁷”. Assim que é presa depara-se com o julgamento sobre a emoção, com o pensamento que todos iriam morrer, Jessie não sabia distinguir o que seria mais dolorido “todos sendo muito torturados naquele momento, vê um companheiro morrendo e outro no pau de arara, não era uma diferença na qualidade da emoção¹⁸”, permanecendo presa, acompanha a resistência, no cárcere “a resistência em sua parte foi vivida na prisão, por encontrar-se presa neste período de nove anos¹⁹”, em 1972 casa-se na prisão com Colombo Vieira de Souza assim como permanece acompanhando por meio de cartas a história da sua família e do país.

Jessie Jane é lembrada como a presença da resistência feminina e da luta dos movimentos pela conquista das mulheres. Pode-se verificar como uma de suas conquistas o direito a visita íntima, que em 1976 resultou no nascimento de sua filha Leta Vieira de Souza²⁰, onde neste dia vivenciou a forma de tratamento dada as

¹⁴ Trecho do Bate-papo promovido pelo NPC Núcleo Piratininga. Quintas Resistente (2013); (00: 14:56), Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B3tlBQknL-E>. Acesso em: 22/05/2019

¹⁵ Trecho do Bate-papo promovido pelo NPC Núcleo Piratininga. Quintas Resistente (2013); (00:14:34), Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B3tlBQknL-E> Acesso em: 22/05/2019

¹⁶ A Penitenciária Talavera Bruce é um presídio feminino voltado para o cumprimento de pena em regime fechado, localizado na Estrada do Guandu do Sena, nº 1902, na região de Bangu na cidade do Rio de Janeiro, atualmente Bairro de Gericinó. Inaugurado em 1942, a penitenciária leva esse nome em homenagem ao Juiz Roberto Talavera Bruce. Disponível em: http://www.cartografiasdaditadura.org.br/files/2014/03/talavera-bruce_final.pdf Acesso em: 08/06/2019.

¹⁷ Trecho do documentário Vimeo Super 8 – Tamanho é documento. Jessie Jane; (04:55) Disponível em: <https://vimeo.com/9707469> Acesso em: 08/06/2019

¹⁸ Trecho do documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989); (01:18:20)

¹⁹ Trecho do documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989); (01:20:40)

²⁰ Trecho do documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989); (01:21:55)

mulheres grávidas, além de relatar torturas vividas²¹ no dia do nascimento de sua filha.

Figura 1 – Colombo, Jessie Jane e Leta.



Fonte: Documentário “*Que bom te ver viva*”²².

Por não haver políticas públicas de acompanhamento das mulheres, nenhuma maternidade queria dispor de um leito para que uma presa o preenchesse, desta forma após parir foi levada de imediato de volta para a prisão, onde só veio ter sua filha aos braços a noite quando sua sogra e cunhada a levará, pois estavam com ela na maternidade. Jessie só permaneceu com sua filha até os cinco meses, pois não achava saldável o crescimento de uma criança em uma prisão²³, entregando-a a sua sogra, que dispôs de levar sempre a menina para visitar os pais em diferentes prisões, Jessie Jane no Bangu e Colombo Vieira de Souza em Ilha grande²⁴, período este que findou-se com a saída de Jessie em fevereiro de 1979.

²¹ Trecho do documentário Vimeo Super 8 – Tamanho é documento. Jessie Jane; (10:03) Disponível em: <https://vimeo.com/9707469> Acesso em: 26/05/2019.

²² Trecho do documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989); (00:38:49)

²³ Trecho do documentário Vimeo – Tamanho é documento. Jessie Jane; (11:00) Disponível em: <https://vimeo.com/9707469> Acesso em: 26/05/2019.

²⁴ Presídio Cândido Mendes, situado em Dois Rios, Serviu de presídio político, na costa verde Fluminense. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_Grande_\(Angra_dos_Reis\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_Grande_(Angra_dos_Reis)) Acesso em: 08/06/2019.

Fazer as pazes com o passado, geralmente depois de um longo, dolorido e generoso processo de elaboração, leveza e alegria que possibilitam não carregar mais o passado como uma pedra nos ombros, mas reaprender a dançar e a inventar outras figuras de vida no presente. (GAGNEBIN, 2010, p. 179).

Após sua saída da prisão Jessie Jane não teve acesso a fazer as pazes com o passado, pois não teve esse tempo de elaboração, ela saiu para trabalhar e ainda ser tachada em seu currículo como “presa política, terrorista²⁵”, depara-se com a sensação de continuação, dos momentos de tortura, procura então a inclusão na sociedade, ou seja, recolocação social, trabalhando a busca do resgate das memórias perdidas²⁶.

Figura 2 – Jessie Jane nos dias atuais



Fonte: NPC – Núcleo Piratininga de comunicações (2013).²⁷

4 DOCUMENTÁRIO “*que bom te ver viva*”

O documentário “*que bom te ver viva*” dirigido por Lucia Murat, retrata os momentos vividos por 8 (oito) ex-presas políticas, alternando entre os delírios e fantasias de uma personagem, que contribui com sua história de forma anônima, onde pode ser observado um conflito entre as alucinações e a realidade, como resultado da tortura vivenciada por ela.

Discutir a questão da tortura remete a diferentes sensações, o convívio com a censura²⁸, com o medo e a retomada ao convívio social, a obstrução dos momentos

²⁵ Trecho do documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989); (01:23:50)

²⁶ Trecho do documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989); (01:20:53)

²⁷ Trecho do documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989); (01:23:50)

²⁸ Censura. CORRÊA, Michelle Viviane Godinho. Censura na Ditadura Militar. Segundo a autora “é controle sobre as informações que circulam em uma sociedade (notícias, críticas, músicas, publicações etc.) de censura e

traumáticos e a busca pela normalidade, são trechos pensados para o sujeito torturado. Por meio da apresentação das dificuldades pós tortura é visível a presença da tentativa de se manter completa, inteira. Mas como esquecer as cicatrizes deixadas pelos momentos, como trabalhar o esquecimento dos acontecimentos, como não lembrar das marcas enraizadas.

Nos relatos descritos pode-se observar sequelas deixadas pela tortura, como epilepsia, paraplegia e traumas psicológicos, noites mal dormidas, recheadas de pesadelos. Uma das torturadas a Regina Toscano em relato, exposto por seu marido no documentário, enfatiza em estado epilético gritava “filho da puta, filho da puta²⁹”, resultado este dos momentos vividos de tortura, outra mulher a Estrela Bohadana relata sonhar com a procissão, que consistia na presença de homens e mulheres despidos, com velas nas mão envolvidos com fios elétricos, obrigados a cantar “jesus cristo³⁰”, e aquele que o recusasse iria para o pau de arara³¹. Momentos como estes de humilhação e degradação do pensamento humano, que provocava nos torturados, a construção da loucura.

A tortura desenvolvida é realizada de modo físico e psicológico, desestabilizando o sujeito de modo estrutural, sendo está desenvolvida de modo alternado por seu torturador, com o objetivo de aplicar alternadas injeções de tortura. Muito houve se falar sobre o que é torturar e como o realizar, mas pouco se compreender o que um torturado passou, ou as consequências deste ato. Os momentos vividos, impõe a dor dos torturados que por muitas vezes desejaram a morte, assim como para seu torturador, poderia este executar inúmeras experiências, tornando-se prazeroso o ato de torturar.

A memória é a junção da lembrança e do não esquecimento, assim como para os torturados, momentos inesquecíveis e incomparáveis. Para seus familiares o que resta sem ter um corpo para enterrar, apenas a busca por uma resposta, por justiça, ou até momentos deparando-se com a loucura, ao encontra-se em uma

ela foi uma das principais características da ditadura militar no Brasil. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/censura-na-ditadura-militar/> Acesso em: 21/05/2019

²⁹ Trecho do documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989); (0: 40:13)

³⁰ Trecho do documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989); (0: 19:27 a 0:19:49)

³¹ Pau de Arara. História Digital. 10 Torturas da Ditadura Militar. O Pau de arara consistia numa barra de ferro que era atravessada entre os punhos amarrados e a dobra do joelho, sendo o conjunto colocado entre duas mesas, ficando o corpo do torturado pendurado a cerca de 20 ou 30 centímetros do solo. Este método quase nunca era utilizado isoladamente, seus complementos normais eram eletrochoques, a palmatória e o afogamento. Disponível em: <https://historiadigital.org/curiosidades/10-torturas-da-ditadura-militar/> Acesso em 24/05/2019

busca constante por alguém sem registro, sem rastro, esquecido pela história e lembrado apenas pela família.

As lembranças são como bichos selvagens que voltam anos atormentar quando menos queremos. Por isso, dizem Freud, Nietzsche, Bergson e Proust, mais tarde Adorno e Benjamin, Ricoeur e Derrida, convém muito mais tentar *acolher* essas lembranças indomáveis, encontrar um lugar para ela, tentar *elabora-las*, em vez de se esgotar na vaga luta contra elas, na denegação e no recalque. (JEANNE GAGNEBIN, 2010, p.183).

Rosalinda Santa Crus (Rosa) uma das personagens do documentário, enfatiza sobre a busca pelos desaparecidos, por nunca ter encontrado seu irmão, vê nesta busca um estado interminável, pior que a própria tortura “a busca foi algo enorme e interminável, o preso político desaparecido, foi a invenção mais terrível que a repressão pode ter inventado, sendo esta mais louca que a própria tortura³²”.

As pessoas que não vivenciaram, os momentos vividos por sujeitos torturados, por familiares desaparecidos neste período, pela busca por justiça, não compreenderão os sentimentos de busca por respostas, mas também não poderão requerer esquecimento por parte destes, pois são poucos o que obterão retorno. Para “aqueles que não conseguimos enterrar, os *desaparecidos*, não são somente fonte de tristeza e de indignação porque não podemos lhes prestar uma última homenagem.” JEANNE GAGNEBIN (2010, p.185).

O silenciamento da tortura é evidente, estando assim apenas presente nas lembranças dos torturados ou familiares. Um relato de uma das mulheres do documentário, nos propõe a compreendido os momentos vividos por ela, identificada está como anônima, “viveu 4 (quatro) anos na clandestinidade e 4(quatro) anos e meio na prisão e hoje em uma comunidade mística³³”, retrata sua memória da tortura deste modo.

Fomos enquanto geração afetados pela aspiração de nos devotarmos ao bem da humanidade. Esta aspiração sofreu a interferência de um pensamento dominante na época, que a melhor forma de melhorar o sofrimento humano, seria uma revolução social. [...] sou como todos nós um elo na corrente evolutiva da humanidade e como tal, sou corresponsável por qualquer violência ocorrida. Considera-me de um sofrimento físico e psicológico, imposto de fora por um tirano (lobo mau), seria para mim uma infantilidade, não existe mocinho e bandido, opressão e oprimido, existe sim muita ignorância e, portanto, muito sofrimento. (Trecho do documentário QUE BOM TE VER VIVA, 1989, 01:08:10).

³² Trecho do documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989); (00:50:51)

³³ Trecho do documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989); (01:07:50)

São retratos dos momentos vividos por ex-presas políticas, que se constata que a tortura pode ser descrita, mas nunca sentida, assim como suas sequelas apenas registradas, como passagem de um período histórico de lutas. “Esse passado que insiste em perdurar de maneira não conciliada no presente, que se mantém como dor e tormento, esse passado não passa.” JEANNE GAGNEBIN (2010, p.185)

5 CONCLUSÃO

Por meio deste artigo foi possível, constatar a importância da construção da memória, como fonte de posicionamento e afirmação histórica, como base para o desenvolvimento de desfechos vividos. Mostrando a importância do conhecimento como fonte do pensamento humano, assim afirmando por meio de relatos a construção do momento histórico de um país, destacando-se neste a presença de Jessie Jane como protagonista, esta como fonte de resistência feminina, destacando a luta pelo resgate das memórias perdidas.

[...] as torturas, as mortes dos companheiros, as ameaças permanentemente renovadas, [que] destruíram os suportes da memória coletiva, o que restou, foram fragmentos dolorosamente e só aparentemente esquecidos. Através dos signos do medo – mãos que tremiam, vozes que se calavam, corpos que adoeciam e dos discursos dolorosamente manifestados, fui desvendando os contornos de uma memória, que codificou além do medo, desejos, disposições e esperanças, porque quando resolvem romper com o silêncio, quase sempre submerge do discurso, por contraste, a evocação de uma outra história, ressignificada pelo orgulho e pela esperança (RANGEL apud SUSEL ROSA, 2000, p.III).

Por meio do que foi exposto por RANGEL, os períodos armazenados na memória surgem como fragmentos de dolorosos momentos, estes podendo ser contextualizado com os momentos vividos por Jessie Jane, na trajetória como participante da busca pela redemocratização de um país, por direitos e valores como cidadã.

Através do documentário “Que *bom te ver viva*” (1989), pode-se observar narrativas vividas, transparecendo a inferência da presença da mulher. Proporcionando a relação dos contextos como fatos vividos em um período ditatorial, sujeitos estes presentes na resistência de 1964, enfatizando as sequelas deixadas, assim como construção da memória e do esquecimento, como fonte da construção histórica.

Como se sabe, no mínimo desde Freud e Proust, o esquecimento não é somente uma não-memória, um apagar de rastros, uma página em branco. Existe também aquilo que Paul Ricouer, na sua summa *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, chama de “esquecimento de reserva”, isto é, um manancial de lembranças não conscientes, diria Proust, inconscientes, diria Freud, que pode se transformar num precioso aliado no processo de recordação quando o sujeito do lembrar desiste de tudo controlar no campo restrito de sua consciência. Existe igualmente, como afirma toda a filosofia de Nietzsche, uma dimensão feliz do esquecimento, uma alegria e uma leveza que permitem fazer as pazes com o passado, geralmente depois de um longo, dolorido e generoso processo de elaboração, leveza e alegria que possibilitam não carregar mais o passado como uma pedra nos ombros, mas reaprender a dançar e a inventar outras figuras de vida no presente. Esse esquecimento feliz remete, na tradição literária e filosófica, ao êxtase erótico e à embriaguez dionisíaca, na tradição religiosa ao enlevo místico, à Graça e ao Perdão que são como prefigurações da Redenção [...] Essas dimensões positivas do esquecimento nunca negam ou apagam o passado, mas transformam seu estatuto vivido no presente, permitem que se viva sem ressentimento, diz Nietzsche, sem cair na perpétua repetição, diz Freud, permitem a instauração do novo. (JEANNE GAGNEBIN apud SUSEL ROSA, 2010, p.179).

Os momentos retratados pelas personagens do documentário *Que Bom te Ver viva* (1989), expõem diferentes contextos históricos vividos em 64, destacando os momentos entre ficção e realidade, expondo situações vividas e consequências deixadas. Relatadas como recursos da memória e do esquecimento, que muito se manteve adormecido, para não reviver as dores enraizadas, mas como seu próprio nome diz “*Que bom te ver viva*” é a relação de sobreviver, é o de estar viva, é a junção do encontro de personagens que se reencontram, que relatam a dor, que em desfechos, a morte seria a melhor saída, mas se veem vivas e relatando os fatos.

Reviver os momentos de tortura é algo composto por lembrar o passado, seja as fotos e vídeos de mortos decapitados, presos torturados ou pessoas desaparecidas, recordar os momentos é a composição de lembrar inimagináveis maneiras de torturar. É de certa maneira mostra o quanto a ditadura civil-militar se faz tão presente na contemporaneidade, seja por não haver respostas para os desaparecidos políticos, pela espera por justiça, pela incompreensão dos que não viveram a época, é não compreender, mas apenas busca mostra ao relatar o sentido pelo qual ainda está viva. Assim os questiono, como alguém neste país consegue desejar o retorno da ditadura civil militar no Brasil?

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. FONTES: CHILCOTE, R. Brazilian; Em Tempo (16 a 22/8/79); MARIGHELLA, C. Escritos. **Ação Libertadora Nacional (ALN)**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-libertadora-nacional-aln> Acesso em: 20/05/2019.

ARAUJO, Felipe. **Esquerda Política**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/politica/esquerda-politica/> Acesso em 10/05/2019

Cartografia da ditadura. Disponível em: http://www.cartografiasdaditadura.org.br/files/2014/03/talavera-bruce_final.pdf Acesso em: 08/06/2019.

CORRÊA, Michelle Viviane Godinho. **Censura na Ditadura Militar**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/censura-na-ditadura-militar/> Acesso em: 21/05/2019.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Depoimento de Jessie Jane, Historiadora e ex-presas política**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MapYsV2xrbE> Acesso em: 26/05/2019.

CRUZ, Diego. **Terceira Internacional: a maior conquista organizativa do proletariado mundial. 2008**. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/terceira-internacional-a-maior-conquista-organizativa-do-proletariado-mundial/> Acesso em: 25/05/2019.

DOM TOTAL. **Internacional comunista, uma criatura da segunda guerra mundial**. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1307844/2018/11/internacional-comunista-uma-criatura-da-primeira-guerra-mundial/> Acesso em: 26/05/2019.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **O preço de uma reconciliação extorquida**. 2010.

GASPAROTTO, Alessandra. **O Terror Renegado**. 2012. Rio de Janeiro – RJ.

HISTÓRIA DIGITAL. **10 Torturas da Ditadura Militar**. Disponível em: <https://historiadigital.org/curiosidades/10-torturas-da-ditadura-militar/> Acesso em 24/05/2019.

Ilha Grande (Angra dos Reis). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_Grande_\(Angra_dos_Reis\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_Grande_(Angra_dos_Reis)) Acesso em: 08/06/2019.

JESSIE JANE. **Depoimento da historiadora Jessie Jane**. Disponível em: <https://vimeo.com/9707469> Acesso em: 26/05/2019.

JUNIOR, Antônio Gasparetto. **Patriarcalismo**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociedade/patriarcalismo/> Acesso em: 20/05/2019.

Lei da Anistia – BRASIL. 2009. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2009/11/lei-da-anistia-politica-reverteu-punicoes-da-epoca-da-ditadura> Acesso em 20/05/2019.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **Sequestro fracassa na pista do Galeão.**

Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/sequestro-fracassa-na-pista-do-galeao> Acesso em: 26/05/2019.

NPC Núcleo Piratininga. **Quintas Resistente (2013).** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B3tIBQknL-E> Acesso em 25/05/2019.

O JORNAL DO COMERCIO. **Histórias de Militantes Arrependidas é resgatada.**

Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/site/noticia.php?codn=135516> Acesso em: 06/06/2019.

PROJETO QUINTA RESISTÊNTES. **Jessie Jane fala sobre a ditadura militar.**

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B3tIBQknL-E> Acesso em: 26/05/2019.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres versus ditadura, latifúndio e misoginia na Paraíba.** 2013.

SHILLING, Flávia. **Memória da resistência ou a resistência como construção da memória.** 2010

Filmografia:

Que Bom Te Ver Viva. Brasil/1998. Gênero: documentário/ drama. Duração: 100 min. Direção: Lucia Murat. Elenco: Irene Ravache. Montagem: Vera Freire. Fotografia: Walter Carvalho. Som direto: Heron Alencar. Diretor-assistente: Adolfo Orico Rosenthal. Direção de produção: Kátia Cop e Maria Helena Nascimento. Cenografia e figurino: Beatriz Salgado. Música original: Fernando Moura. Trilha sonora: Aécio Flávio. Roteiro, e direção e produção executiva: Lúcia Murat.

AGRADECIMENTOS

É chegado ao fim um ciclo de muitas risadas, choro, felicidade e frustrações. Sendo assim, dedico este trabalho a todos que fizeram parte desta etapa da minha vida. Agradeço a Deus por ter iluminado o meu caminho, aos meus pais Edson Araújo e Maria Pereira e minha irmã Edna Maria por terem propiciado a realização deste sonho, a minha orientadora Susel Oliveira da Rosa por todo o ensinamento e a todos os meus amigos, em especial, Jéssica Nayara pelo companheirismo e pelo apoio nos momentos mais difíceis.